

A Psicanálise Além do Édipo¹

II

O AVESSE DE UM PONTO COMO UM CONTRAPONTO

III - PAI, IDENTIFICAÇÃO E SABER

Início agora o comentário dos capítulos VI e VII do Seminário de Lacan "O avesso da psicanálise":

... "O discurso do mestre tem apenas um contraponto, o discurso analítico, embora tão inapropriado." (1)

Sabemos o quanto os analistas são inapropriados, incapazes para este mundo, aliás a inapropriação está em sua base, como já lembrava Freud no "Mal Estar". São o discurso da histérica e o discurso universitário os que se apresentam para suprir a falha do mestre "apropriadamente".

"Chamo-o de contraponto porque sua simetria, se existe alguma - e ela existe -, não é em relação a uma linha, nem em relação a um plano, mas em relação a um ponto. Em outros termos, ele é obtido pelo arremate desse discurso do mestre a que me referia há pouco." (1)

No gráfico², tentei representar o ponto e o contra-ponto.

- De um lado, o do discurso do mestre, existiria o saber total, onde não haveriam dúvidas e se seria feliz. Dele partindo, na "saúde", por assim dizer, o analisando não retoma, mas é conduzido para uma outra causa, a do objeto de desejo, que está do outro lado, no avesso.

O "pai" surge como o elemento orientador, no deserto da felicidade magistral:

"No discurso psicanalítico, encontramos às vezes certos termos que servem de fil um na explicação -, o termo pai, por exemplo. E encontramos às vezes alguém tentando reagrupar seus dados principais. Exercício penoso, quando feito no interior do que se espera, no ponto em que estamos, de um enunciado e de uma enunciação psicanalíticas - ou seja, no interior de uma referência genética." (2)

Trata-se da tentativa de colocar o pai em nossa referência genética fundamental. Ao avançarmos, veremos que o capítulo VII trará uma crítica a Freud na sua referência ao pai Édipo, ao pai orangotango, ao pai Moisés. Lacan vai, delicadamente, dizendo: não, não e não.

«Para ser eficaz, nosso esforço, que é, como sabemos perfeitamente, uma colaboração reconstrutiva com aquele que está na posição do analisante, a quem permitimos, de certa maneira, que enverede por seu caminho, esse esforço que fazemos para extrair, sob a forma de pensamento imputado, o que foi efetivamente vivido por aquele que no caso bem merece o título de paciente, não deve fazer-nos esquecer que a configuração subjetiva tem, pela ligação significativa, uma objetividade perfeitamente localizável, que funda a própria possibilidade da ajuda que trazemos sob a forma da interpretação." (3)

Essa interpretação funciona na chave de uma reconstrução, nesse momento, paterna. Porém, de passagem, Lacan diz:

¹ Continuação do texto publicado no Correio nº 3, referente ao seminário "Discurso Analítico: suas incidências na Clínica e na Cultura", realizado no Instituto de Pesquisas em Psicanálise de São Paulo, no dia 22 de junho de 1993. Estabelecido por Regina Lúcia Caminha Torres.

² Encontra-se na página 43 do Correio nº3.

"O que afirmo, o que vou hoje anunciar de novo, é que o significante-mestre, ao ser emitido na direção dos meios de gozo que são aquilo que se chama o saber, não só induz, mas determina a castração". (4)

Qual é a novidade? É o significante-mestre que determina a castração: o que propicia, proíbe. Entendendo que gozo seja saber de tudo, ao usarmos o pai para alcançá-lo, há um limite que é o próprio pai que "não se sabe". É por isso que Lacan discute com a matemática:

"Essa sustentação provém de que a matemática só pode ser construída a partir do fato de que o significante é capaz de significar a si mesmo. " (5)

Ou seja, a matemática só pode ser construída a partir do momento em que se escreve: $A = A$.

"O A que vocês escreveram uma vez pode ser significado por sua repetição de A. Ora, essa posição é estritamente insustentável, constitui uma infração à regra em relação à função do significante, que pode significar tudo, salvo, certamente, a si mesmo. " (5)

Está aí o pecado de origem. A matemática, ao construir um sistema, rouba no jogo dizendo que $A = A$. É semelhante a se estabelecer a existência de um analista primordial. Talvez seja interessante cotejar isso.

"É preciso se livrar desse postulado inicial"...(5)

Que postulado inicial é esse? É que a função significante só pode significar no confronto de um significante com outro, jamais de um significante a si mesmo. É preciso livrar-se desse postulado, esconder essa sujeira debaixo do tapete...

... "para que o discurso matemático se inaugure. " (5)

Falei há pouco que nos anos 70, Lacan estava conversando com as matemáticas da mesma forma que antes conversou com a lingüística. Utiliza-se deste grande exemplo para perguntar - qual é o lugar da Psicanálise? A Psicanálise vai se ocupar desse "debaixo do tapete", disso que escapa à consciência matemática... a psicanálise vai se ocupar da inconsciência, do Inconsciente, ou daquilo que fica fora-de-ordem.

"Pois bem, o discurso analítico se especifica, se distingue por formular a pergunta de para que serve essa forma de saber, que rejeita e exclui a dinâmica da verdade. " (6)

No momento inaugural da matemática, nessa leitura de Lacan, se exclui a dinâmica da verdade. Digo "nessa leitura" da mesma maneira que os semióticos presentes poderiam dizer (e já disseram): - "Mas, Lacan está falando de Saussure, a coisa já andou!"; o mesmo poderia ser dito, em Lacan, com relação a uma determinada matemática: - "A coisa já andou!" Mas, isso é uma outra questão para quem quiser, depois, discutir a epistemologia da conceituação psicanalítica.

"Primeira aproximação - serve para recalcar aquilo que habita o saber mítico. Mas ao excluí-lo no mesmo movimento, ela nada mais conhece dele a não ser sob a forma do que reencontramos nas espécies do inconsciente, quer dizer, como resíduo desse saber, sob a forma de um saber disjunto. O que será reconstruído desse saber disjunto não retornará de maneira alguma ao discurso da ciência, nem às suas leis estruturais".. (Se a matemática for o paradigma). "Quer dizer, aqui me diferencio do que Freud denuncia sobre isto". (Ele começa a mostrar a divergência com Freud). "Esse saber disjunto, tal como o reencontramos no inconsciente, é estranho ao discurso da ciência " (6)

Freud tinha a esperança de que o discurso da ciência viesse a englobar esse saber: - Virá talvez um dia no qual novos avanços da ciência poderão resolver melhor o encaminhamento que fiz neste artigo. Quantos textos Freud terminou dessa maneira!

"Por isso, justamente, é assombroso que o discurso do inconsciente se imponha. Impõe-se exatamente pelo que eu enunciava outro dia dessa forma que empregava, podem crer, por não ter outra melhor - que não diga besteiras. Por mais besta que seja esse discurso do inconsciente, ele corresponde a algo relativo à instituição do próprio discurso do mestre. É isso que se chama de inconsciente. Ele se impõe à ciência como um fato. " (6)

O termo *besteira* deve ser entendido no sentido lacaniano, empregado muitas vezes em textos como *Televisão e Encore*. Enfim, em inúmeros momentos Lacan retoma essa questão do "dizer besteira", que é a posição necessária ao analisando - ele tem que poder dizer besteira - e todo o esforço do analista é de permitir e dar lugar à besteira. Daí o título: "Aqueles que não dizem besteira se perdem na vida", "Les non-dupes errent", "Os não-tolos erram" - erram no sentido de se perder, de se extraviar.

"Essa ciência feita, quer dizer, factícia, não pode desconhecer o quelhe aparece como artefato, é verdade. Só que lhe é vedado, justamente por ser ciência do mestre, colocar-se a questão do artesão, e isto fará o feito ainda mais fato." (6)

Que beleza esta frase de Lacan! A psicanálise vai recuperar o artesão escondido pela ciência do Mestre e isto só se faz um a um, não há análise de grupo e nem os analistas podem ser substituídos nas férias através de uma sessãozinha com um analista assistente.

Isto posto, Lacan retoma a análise de Dora. Sabemos que ele já havia feito um minucioso trabalho quando escreveu sobre a transferência. No comentário de Eric Laurent o recorte fundamental é o 2º sonho. Lacan começa dizendo - "Por que Freud não ouviu as suas pacientes, por que insistia que o problema era o pai, por que não ouviu que existia um saber além do pai?" Lacan não relata isso mas, quem leu o texto de Freud, viu que Dora conta o sonho e, no 1º relato, se esquece de contar o que faz no momento em que chega em uma casa e lhe dizem que o pai morreu. A mãe e outros vão enterrar o pai, ela fica em dúvida e sobe para procurar um livro, um dicionário. E Freud pergunta: - "qual é o saber que ela estava buscando no dicionário?" O verdadeiro pai é o dicionário, porque seria suposto-saber da sexualidade. Volto a Lacan:

"Pois bem, na caixa vazia desse apartamento abandonado por aqueles que, depois de tê-la convidado, partiram por seu lado para o cemitério, Dora encontra facilmente um substituto para esse pai num grande livro, o dicionário, aquele onde se ensina o que diz respeito ao sexo. Assim, marca com nitidez que o que lhe importa, para além mesmo da morte de seu pai, é o que ele produz de saber".(7)

Lacan, fazendo essa leitura do 2º sonho, diz que este marca com nitidez o que importa à histerica para além mesmo da morte do pai, ou seja, para além do sentimento, para além da dor da morte do pai, o que importa é esse conhecimento. E Lacan se pergunta:

- "E por que Freud se enganou a esse ponto, já que, se acreditarmos em minha análise de hoje, ele só tinha que comer, literalmente, o que lhe ofereciam na palma da mão? Por que substitui o saber que recolheu de todas essas bocas luminosas, Ana, Emmie, Dora, por esse mito, o complexo de Édipo? O Édipo desempenha o papel do saber com pretensão de verdade, quer dizer, do saber que se situa, na figura do discurso do analista, no lugar do que designei há pouco como o da verdade".

$$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$$

Se toda a interpretação analítica enveredou para o lado da gratificação ou da não-gratificação, da resposta ou não à demanda, em resumo, na direção de uma sempre crescente elisão do que é a dialética do desejo, o deslizamento metonímico em direção à demanda, quando se trata de assegurar a constância do objeto, é provavelmente em razão do caráter estritamente inutilizável do complexo de Édipo. É estranho que isto não tenha ficado claro mais rapidamente.

De fato, quem o utiliza? Que lugar tem numa análise a referência a esse famoso complexo de Édipo? Peça que respondam aqui todos os que são analistas. Os que são do Instituto, é claro,; amais se servem dele". (Gozação terrível com o pessoal da IPA porque, esses, já não eram mais interlocutores). "Os que são da minha escola fazem um pequeno esforço". (Ele concede esse esforço a seus alunos). "Obviamente, isso não dá em nada, e acaba resultando no mesmo que para os outros". (Ou seja, a manter isso, dá na mesma fazer análise na IPA). "É estritamente inutilizável, salvo por esse grosseiro lembrete do valor de obstáculo

que a mãe tem para todo investimento de um objeto como causa do desejo. " (8)

Um pai todo-amor

Lacan vai terminando a aula e prepara, de certa forma, a próxima. Até então, ele fala do mestre e da histérica e, na próxima, vai entrar na religião. Tinha que fazer um ponto de passagem, um gancho, e, nesse momento, ele o faz como se dissesse: - Freud, você diz que a Psicanálise é tão diferente da religião e, no entanto, ela está se encaminhando diretamente para a ilusão, porque você está recuperando, como a chave universal interpretativa do mal-estar dos seus pacientes, o pai de todo amor.

"Pois é, recorrer assim ao mito de Édipo é verdadeiramente uma coisa sensacional. Vale a pena que nos estendamos sobre isso. E hoje pensava fazer vocês sentirem o que há de disparate no fato de que Freud - por exemplo, na última das Novas Conferências sobre a Psicanálise - possa julgar resolvido o que cabe à questão do rechaço da religião de todo horizonte válido, possa pensar que a psicanálise tem ali um papel decisivo, e acreditar que acabou nos dizendo que o sustentáculo da religião não é outra coisa senão aquele pai a quem a criança recorre em sua infância, do qual sabe que é todo amor, que vai na frente, previne o que nela pode se manifestar de mal-estar. " (9)

Retomo o sonho de Serafim com um pai de todo amor que, em cima do cavalo, o previne e o protege de todo mal-estar, abrindo o caminho no sertão. Freud mantém o pai.

"Não há nisso bastante estranheza, a ponto de nos sugerir que, afinal, o que Freud preserva, de fato se não em intenção, é precisamente o que ele designa como o mais substancial na religião? A saber, a idéia de um pai todo-amor. E é justamente isto que designa a primeira forma da identificação das três..." (10)

«O que se trata de dissimular? É que, desde que ele entra no campo do discurso do mestre em que estamos tentando nos orientar, o pai, desde a origem, é castrado. " (11)

A matemática, desde a origem, é castrada. Para sustentar o discurso axiomático matemático como aquele que pode manifestar a verdade, houve uma mentira de base, a qual pôde ser denunciada por Kurt Gödel, em 1931, quando apontou a impossibilidade de um todo dizer, de um "completo" em relação à demonstração matemática.

Parto, então, para alguns comentários do capítulo VII: Édipo e Moisés e o pai da horda.

IV - UM LUGAR PARA A PSICANÁLISE

"Ou melhor, é por estar mascarada a verdade do discurso do mestre que a análise adquire sua importância. " (12)

É isso o que estamos discutindo.

Gostaria de dizer qual é a vantagem da análise. O que Lacan fala, nesse momento, é por demais sintético. Penso serem preocupantes estes livros de "auto-ajuda" e acho que vocês deveriam, também, se preocupar - a desproporção é grande demais, eles estão aí com o seu "fazer sucesso". Acho que nos cabe responder um pouco melhor a que veio a psicanálise.

Respondendo conceitualmente: veio para desmascarar o discurso do mestre.

«O enigma é algo que nos força a responder, na qualidade de perigo mortal. A verdade só é uma pergunta - como se sabe há muito tempo - para os administradores. O que é a verdade? - sabemos por quem isto foi, de uma vez por todas, eminentemente pronunciado. " (13)

Deixo no ar esse "sabemos"...

A ciência dá uma idéia de progresso ao colocar a verdade debaixo do tapete, ao cometer um pecado original, ao dizer que A pode ser igual a A. Um significante jamais poderia auto significar-se nesse

princípio de identidade, princípio esse que sustenta toda a razão ocidental. A é diferente de A: isso é psicanálise. Mas, enfim, se em matemática $A=A$, essa verdade escondida faz a ciência ter a ilusão do progresso. Como roubou no início do jogo, pensa que amanhã saberá mais e, depois, mais ainda e assim por diante. O progresso seria um conhecimento mais preciso, maior hoje do que o foi ontem.

A psicanálise não tem esse débito com o progresso e Lacan lembra que não é porque ele estaria propondo o mesmo que Gauss. Trabalhei essa referência a Gauss há anos atrás, numa jornada da Biblioteca Freudiana Brasileira. Gauss escondeu algumas cartas. Descobriu paradoxos lógicos e não os publicou porque, se publicasse, destruiria todo um edifício matemático. Entretanto, passou as cartas para um amigo e é por isso que sabemos que ele é muito mais genial do que "aquele cara das curvinhas dos vestibulares". Descobertas que, de tão vivas e atuais que são, julgamos serem de contemporâneos, foram em realidade feitas por Gauss, há muitos e muitos anos.

Então, Lacan está dizendo que não é que ele esteja querendo fazer como Gauss - esconder o progresso da ciência; o progresso é uma coisa muito complicada para sustentar psicanaliticamente porque nós não avançamos sobre a castração, não "sabemos mais" sobre a castração. Ao contrário, evidenciamos a sua ex-sistência. Portanto, o que podemos procurar no final de uma análise não é um saber-mais, mas um diferente-saber. Trata-se de uma modificação da posição do sujeito e não que o sujeito possa conquistar a mais. Está na citação seguinte, onde chamo a atenção para o que está grifado:

"Não pensem que o mestre está sempre aí. O que permanece é o mandamento, o imperativo categórico "Continua a saber". Não há mais necessidade de que ali haja alguém. Estamos todos embarcados, como diz Pascal, no discurso da ciência ...

... Gostaria de me precaver contra a idéia - que poderia surgir em não se sabe qual cabecinha retardada - de que minhas palavras poderiam implicar que se devesse frear essa ciência e que, afinal de contas, voltando à atitude de Gauss, talvez houvesse uma esperança de salvação...

...Seria preciso discernir entretanto que no que quer que eu articule com uma certa visada de clarificação não existe a menor idéia de progresso no sentido de que este termo implicaria uma solução feliz."(14)

A solução *feliz* seria o "bom encontro". Lacan vai lembrar em outros textos que "bonheur", felicidade, quer dizer: bom encontro. A felicidade seria um bom encontro. Todo encontro, porém, é faltoso. A pergunta é: como ser *feliz* quando todo encontro é faltoso?

Há analista?

E qual a posição do analista, a partir desse momento, além do pai?

A posição do analista como pai, seguindo o que estamos falando, seria uma posição possibilitadora de significação, entendendo que pai seja uma chave de interpretação; seria correspondente ao que Lacan chama, até o momento, de posição de "Grande Outro", entendendo "Grande Outro" como "aquilo que possa significar".

Lacan fala sobre o lugar do analista:

"Em se tratando da posição dita do analista - nos casos, aliás, improváveis, pois haverá mesmo um analista?, quem pode saber?, mas teoricamente podemos postulá-lo -, é o próprio objeto a que vem no lugar do mandamento. É como idêntico ao objeto a, quer dizer, a isso que se apresenta ao sujeito como a causa do desejo, que o analista se oferece como ponto de mira para essa operação insensata, uma psicanálise, na medida em que ela envereda pelos rastros do desejo de saber. " (15)

É uma operação insensata porque é fora-do-saber, porque é fora do-mundo, porque é i-munda.

"Há analista", por tudo aquilo que acabamos de dizer? Se, nesse momento, Lacan dissesse: - "Sim, existe o analista", ele cairia numa enorme contradição porque diria que $A = A$. Se assim o dissesse, os matemáticos poderiam dizer: - "Está vendo? Você também está falando que analista = analista". Nós sabemos que não há o analista, mas há a sustentação de uma posição de analista, que é a possibilidade de simulacro do objeto (sê-*Io* é impossível). Por todo o desenvolvimento da demonstração, vocês não

forçosamente de concordar que é impossível ser analista.

V - MITOS PARA EMBALSAMAR

Daqui para a frente, Lacan começa a criticar a questão do mito.

"Voltemos ao que constatamos sobre o que advém do saber no lugar da verdade no discurso do analista. Creio que não esperavam o que vou lhes dizer agora para que isso tome contornos. Mesmo assim, devem lembrar-se de que o que vem lá no começo tem um nome - é o mito." (16)

O que está no saber, sustentando a posição de objeto a, é o mito. Foi o mito do Édipo que gerou o saber para Serafim e Mafalda, foi nessa chave, foi a esse saber que eles chegaram. Por isso é que estou questionando: Serafim e Mafalda fizeram uma análise? Sim. Suas análises foram até o fim? Só pelo que contei, devemos colocar um ponto de interrogação. Se nós trabalhássemos só com a chave do Édipo poderíamos dizer: - "Só pelo que você contou, sim, porque houve uma retificação na relação edípica, na forma edípica de ver o mundo".

«Pode-se falar muita besteira em torno do mito, porque ele é justamente o campo da besteirada". (Retoma a questão da besteira, que ele tinha deixado atrás, como aquilo que excede ao discurso do mestre). "E a besteirada, como desde sempre lhes disse, é a verdade. São idênticas. A verdade, isso aí permite dizer tudo. Tudo é verdade - desde que excluam o contrário. De todo modo, porém, que isto seja assim tem o seu papel. Então o mito de Édipo tal como Freud o faz funcionar- posso dizer isto para aqueles que não o sabem ., faz os mitógrafos sobretudo zombarem. Julgam-no absolutamente mal-ajambrado. " (17)

As teses de Freud sobre o mito não são antropológicas, não adianta dona Margaret Mead vir dizer se é verdade ou não. Freud se utilizou dessas teses para vestir aquilo que descobriu na clínica, foram contornos do real, independentes do estudo de campo. Freud não é Lévi-Strauss. Essas teses, por serem histórias suficientemente boas, bastante universais e, portanto, acessíveis a todos, serviram para dar-lhe razão na descoberta. Para que fique claro, ao falar assim, refiro-me ao que se poderia chamar de "prefácio" ao "L'Étourdit":

"A castração, descoberta pela psicanálise pode aqui se depreender dos mitos que Freud precisou para embalsamá-la, em proveito de sua razão; e poderá ser apreciada como esta, como retorno, pode subverter, com uma lógica, as conseqüências totalitárias. " (18)

Vou dizer de outra maneira. Freud mostrou a castração, a sujeira debaixo do tapete, o Inconsciente, a verdade, dando-lhes uma vestimenta de mito; Lacan retomou-os através da lógica, demonstrando então a falência do totalitarismo explicativo da lógica, para mostrar, ali, a descoberta de Freud.

Em 1931, Goedel demonstrava ser impossível a prova completa aritmética do que é verdadeiro. Existem sempre sentenças que poderão ser verdadeiras além da prova: as sentenças indecidíveis. Lacan se refere a Goedel em seu texto "A ciência e a verdade", página 861 dos "Écrits". Ressalta como o último teorema de Godel mostra que a ciência fracassa em sua tentativa de suturar o sujeito. Não são mais necessários os mitos para embalsamar a descoberta freudiana, temos hoje um elemento mais potente e proveitoso à razão, que é a própria ferramenta básica da razão humana, a lógica matemática.

Por quê é que Freud sustentou com seu sonho essa convivência ou essa seqüência entre os seus três mitos clínicos?:

- o mito final ou a história final, que ele resolve escrever sobre "Moisés",
- o mito que ele trouxe de Sófocles, o mito de "Édipo" e
- o mito que ele inventou, "Totem e Tabu".

"Totem e Tabu. Seria bom - não sei se querem que o faça este ano estudar sua composição, que é uma das coisas mais retorcidas que se possa imaginar. Não é por predicar o retorno a Freud que eu não posso dizer que Totem e tabu é meio torto. É por isso mesmo que temos que retomar a Freud

- para perceber que se é assim meio torto, dado que ele era um rapaz que sabia escrever e pensar, isso deve ter uma boa razão. Não gostaria de acrescentar

- Moisés e o monoteísmo, nem se fala - porque é o contrário, vai dar o que falar. " (19)

Ele anuncia, então, essa trajetória de estudo. Se alguém quiser recuperar... Chega à conclusão de que não concorda com Freud e que o desenvolvimento dele é forçado.

"Tratemos de sacar alguma coisinha do que corresponde ao mito de Édipo em Freud. Como não estou apressado, não terminarei com isso hoje.

Não vejo por que haveria de me cansar. Falo com vocês da maneira que as coisas me vão surgindo, e vamos ver até onde, mais ou menos, podemos chegar. " (20)

Destaquei essa citação para dizer o que nos espera daqui para a frente. Ele vai continuar nessa linha, questionando, em detalhe, o Édipo, e da maneira que o compreendeu, como metáfora paterna.

"Falei então nesse nível sobre a metáfora paterna. Nunca falei do Complexo de Édipo a não ser desta forma. Isso deveria ser um pouco sugestivo, não é? Disse que era a metáfora paterna, mas, no entanto, não é assim que Freud nos apresenta as coisas. " (21)

Lacan, ao associar Complexo de Édipo e metáfora paterna, põe o pai como uma função e não como uma pessoa. É, por exemplo, o que o "mais-um" vai operar nos cartéis. É um pai apesar dele e não por causa dele. É uma função necessária à operação daquele conjunto de 4 + 1, que tem uma função paterna e não uma paternidade. Lacan prossegue, mostrando mais diferenças entre sua posição e a de Freud:

"Sobretudo porque ele faz muita questão de que isso tenha sucedido efetivamente, essa história danada de assassinato do pai da horda, essa palhaçada darwiniana. O pai da horda - como se tivesse havido em algum momento o menor rastro do pai da horda. Viu-se orangotangos. Mas do pai da horda humana, jamais se viu o menor rastro.

Freud faz questão de que isso seja real. Mantém-se nisso. Ele escreveu todo o Totem e Tabu para dizer- isso aconteceu obrigatoriamente, foi daí que tudo partiu. Quer dizer, todas as nossas chateações - inclusive a de ser psicanalista.

É chocante - alguém poderia, quanto a essa metáfora paterna, ter se excitado um pouco e sabido fazer um buraquinho. É o que sempre desejei, que alguém se adiantasse, me seguisse a pista, começasse a mostrar um pedaço do caminho. Enfim, seja como for, isso não ocorreu e a questão do Édipo está intacta." (21)

Até essa data, 1970, a questão do Édipo estava intacta na psicanálise. Coube a Jacques Lacan abordá-la, a nós seguir-lhe os passos.

Não me venham falar desse pai, não me venham falar desses irmãos...

"As energias que empregamos em sermos todos irmãos provam bem evidentemente que não o somos. Mesmo com nosso irmão consangüíneo, nada nos prova que somos seu irmão - podemos ter uma porção de cromossomos completamente opostos. Essa obstinação com a fraternidade, sem contar o resto, a liberdade e a igualdade, é coisa ridícula, que seria conveniente captar o que recobre.

Só conheço uma única origem da fraternidade - falo da humana, sempre o humus - é a segregação. Estamos evidentemente numa época... " (22) de segregação, estamos evidentemente numa época de racismo, numa época de separatismo e num momento em que se define que o mundo está em

ordem. Bastante atual esta problemática...

"Fica claro, vendo simplesmente como Freud articula esse mito fundamental, que é verdadeiramente abusivo colocar tudo na mesma linha do Édipo. O que é que Moisés, em nome de Deus, porra - é o caso de dizer- tem a ver com Édipo e o pai da horda primitiva? Com certeza deve existir aí alguma coisa relativa ao conteúdo manifesto e ao conteúdo latente. " (23)

Ele começa a preparar o Édipo como um sonho de Freud e pontua que ficamos presos ao desejo dele.

"Para concluir por hoje, direi que o que nos propomos é a análise do complexo de Édipo como sendo um sonho de Freud. " (23)

VI - UMA FIXÃO, AGORA COM X

As citações seguintes e a de nº 18, são de "L'Étourdif". Esta última resume o que comentamos, diz que o projeto de Lacan é desembalsamar o real que se descobre na psicanálise, escondido nos mitos com que Freud o recobriu, e colocá-lo, agora, em relação a uma lógica marcada pela incompletude goedeliana. A análise não pode se concluir, totalmente, na elucubração daquilo que é dito. Uma análise vai se concluir no não-dito, na incompletude!

E o que fazer com essa incompletude, do final da análise?

"Recorrer ao nãotodo, a menosum isto é, aos impasses da lógica é, ao mostrar a saída fora das ficções da Mundanidade, lazer outra fixão do real: isto é, do impossível que o fixa pela estrutura da linguagem. Isso também é traçar a via da qual se reencontra em cada discurso o real com que se envolve, e devolver os mitos com os quais ordinariamente ele se abastece". (24)

Recorrer ao não-todo, ao menos-um, ou seja, recorrer aos impasses da lógica (que é o seu projeto em "L'Étourdif", como já o antecipava "O avesso da psicanálise"), é mostrar fora das ficções da Mundanidade (da maneira do mundo responder); é fazer uma outra fixão do real (uma fixão, agora, com x): ou seja, do impossível que o fixa pela estrutura da linguagem (a linguagem tem um ponto de ancoragem, mas, esse é um ponto fora da linguagem).

É também traçar a via pela qual se reencontra em cada discurso (em cada analisante, em cada análise) o real no qual ele se envolve; usar o recurso da lógica é reenviar os mitos (é colocar fora da jogada, é ultrapassar o mito, é ultrapassar o pai) ... reenviar os mitos, dos quais normalmente o real se supre para se expressar.

Foi isso o que eu tentei diferenciar no gráfico: o ponto de ficção (com c) e o ponto de fixão (com x), colocando esse ponto fora-do-mundo, fora-dos-mitos, como o ponto que deveria ser alcançado em uma análise.

A última citação é um momento em que Lacan explica, em "L'Étourdif", de quem é seguidor. Ele se coloca como seguidor de Menão, de Menão de Platão. Quando Menão se pergunta: - Há coisas que se podem transmitir mas, há coisas intransmissíveis - a virtude é intransmissível. Como saber se eu estou na correta vinculação à virtude, se eu estou na opinião correta, uma vez que ela não é passível de ser colocada em uma linha direta? Como é que eu posso saber se eu estou na orto-doxia? Essa pergunta de Menão, evidencia que a virtude é não-ensinável (ou seja, não é passível de ser posta em palavras). E Lacan diz:

"O não-ensinável, eu fiz o matema para assegurar a fixão da opinião verdadeira, fixão escrita com x, mas não sem me valer de um equívoco. " (25)

Isso remete ao resultado da caminhada de levar uma análise além do Édipo, que não é "acabar com o equívoco" mas, seria "uma nova maneira de sustentá-lo".

O convite então, seria o de não somente poder contar mas, sobretudo poder formular (colocar em

fórmula), a passagem por esse ponto. O que nós sabemos, até agora, é que esse ponto além do Édipo deveria ser formulado através do passe. Ultrapassagem e, por enquanto, tentativa.

Porém, restam as questões:

- O que podemos avançar sobre esse território?

- Será que Serafim e Mafalda puderam ir além daquele ponto do conhecimento fálico, do conhecimento do pai?

Paro aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 -LACAN, Jacques. "O Mestre castrado". Cap. VI, p. 81 de O seminário, Livro 17:"O avesso da psicanálise". 1969-1970 - Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1992.

2 - _____ "O Mestre castrado" - Cap. VI, p. 82 de "O avesso da psicanálise".

3 - _____ "O Mestre castrado" - Cap. VI, p. 82 de "O avesso da psicanálise".

4 - _____ "O Mestre castrado" - Cap. VI, p. 83 de "O avesso da psicanálise".

5 - _____ "O Mestre castrado" - Cap. VI, p. 84 de "O avesso da psicanálise".

6 - _____ "O Mestre castrado" - Cap. VI, p. 85 de "O avesso da psicanálise".

7 - _____ "O Mestre castrado" - Cap. VI, p. 91 de "O avesso da psicanálise".

8 - _____ "O Mestre castrado" - Cap. VI, pp. 92 e 93 de "O avesso da psicanálise". (Com parênteses do autor).

9 - _____ "O Mestre castrado" - Cap. VI, p. 93 de "O avesso da psicanálise" .

10 - _____ "O Mestre castrado" - Cap. VI, p. 94 de "O avesso da psicanálise" .

11 - _____ "O Mestre castrado" - Cap. VI, p. 94 de "O avesso da psicanálise" .

12 - _____ "Édipo e Moisés e o pai da horda" . Cap. VII, p.95 de O seminário, livro 17 -"O avesso da psicanálise. 1969-1970. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1992.

13 - _____ "Édipo e Moisés e o pai da horda" . Cap. VII, p. 96 de "O avesso da psicanálise".

14 - _____ "Édipo e Moisés e o pai da horda" - Cap. VII, p. 99 de "O avesso da psicanálise".

15 - _____ "Édipo e Moisés e o pai da horda" - Cap. VII, p. 99 de "O avesso da psicanálise".

16 - _____ "Édipo e Moisés e o pai da horda" - Cap. VII, p. 102 de "O avesso da psicanálise".

17 - _____ "Édipo e Moisés e o pai da horda" - Cap. VII, p. 104 de "O avesso da psicanálise".

18 - _____ "L'Étourdit". Scilicet na 4. p. 3.

19. _____ "Édipo e Moisés e o pai da horda" - Cap. VII, p. 104 de "O avesso da psicanálise".

20 - _____ "Édipo e Moisés e o pai da horda", p. 104.

21 - _____ "Édipo e Moisés e o pai da horda", p. 105.

22 - _____ "Édipo e Moisés e o pai da horda", p. 107.

23 - _____ "Édipo e Moisés e o pai da horda", p. 110.

24 - _____ "L'Étourdit". Scilicet n° 4, p. 35.

25 - _____ "L'Étourdit". Scilicet na 4. p. 39.